

BRASIL SE TORNOU UM PAÍS MAIS INJUSTO

Por Guilherme Zocchio

De acordo com especialista, embora a pobreza tenha diminuído nos últimos anos, distribuição da renda piorou

Para Valério Arcary, historiador e professor do Instituto Federal de São Paulo (IFSP), o Brasil não avançou no combate à desigualdade social desde o começo da década de 1990. Pelo contrário, ele diz que o país se tornou ainda mais desigual e que, durante os últimos vinte anos não houve avanço algum do salário médio brasileiro. Além disso, contesta fortemente o argumento de que, com os avanços do último governo, uma nova classe média tenha surgido. Em entrevista ao **Contraponto** explica: "Isso é uma cortina de fumaça para escondermos que estamos numa sociedade mais injusta, mais injusta, mais injusta".

Contraponto – Por mais que se fale na ascensão de uma nova classe média, a dita Classe C, dá para dizer que houve distribuição de renda no país, para ter ascendido uma nova classe social ou um estrato da sociedade ter conseguido um aumento na renda?

Valério Arcary – Não. Essa noção está errada. Não existe uma nova classe média no Brasil. A mobilidade social pode ser absoluta ou relativa. Há dois indicadores. E depois, as soluções de investigação para fazer uma pesquisa científica, para que essa aferição não seja simplesmente um argumento a serviço de interesses geralmente a favor dos grandes capitalistas e do governo, por outro lado, que quer mostrar que a vida está melhor. Então, como eu dizia, há dois caminhos para fazer essa aferição: existe um caminho que é a análise da distribuição pessoal da renda, e um outro caminho que é análise da distribuição funcional da renda. Estes dois parâmetros são elaborados pelas pesquisas do IBGE. O grande defensor da tese da ascensão da nova classe C, daqueles que estão entre dois e dez salários mínimos, portanto, grosso modo, quem tem mil e quem tem 5mil reais, é a pesquisa de um pesquisador, que é o Marcelo Neri (da FGV-RJ). Marcelo Neri é a fonte dessa tese. E há, por outro lado, um aparato de mídia que dá ressonância e repercute as pesquisas, os artigos e sobretudo as entrevistas de Marcelo Neri.

“ NA LONGA DURAÇÃO DOS ÚLTIMOS 15 ANOS, O SALÁRIO MÉDIO DA ALTA ESCOLARIDADE, NA LONGA DURAÇÃO, VEIO CAINDO ”

CP – Mas o poder aquisitivo geral da população no Brasil não aumentou nesses últimos anos?

VA – Não. O salário médio ficou estagnado. Na verdade, o salário médio de hoje é exatamente o

mesmo de 2002 em valores atualizados do real. A distribuição pessoal da renda, que faz uma aferição de qual é o grau de desigualdade entre aqueles que vivem de salário, permite concluir que, se pegarmos uma série histórica de longa duração – longa duração, estou falando pelo menos dos últimos 15 anos –, vamos ver, com a introdução do real e portanto com pressões inflacionárias relativamente baixas, uma elevação do salário mínimo acima do índice de inflação. Portanto no piso do trabalho pessoal menos qualificado, fundamentalmente nas regiões mais pobres, ocorreu uma elevação do piso do trabalho manual mais mal remunerado, em função da elevação do salário mínimo e em função de algumas políticas públicas como o bolsa-família. Isso pressiona que o piso do trabalho manual mais mal remunerado seja mais elevado. Mas estamos falando de patamares miseráveis, estamos falando de um salário mínimo de 500 reais.

Por outro lado, é preciso considerar o outro indicador, que é a distribuição funcional da renda. A distribuição pessoal da renda faz uma aferição de qual é o grau de desigualdade entre os assalariados. E isto veio diminuindo de fato, porque subiu o piso do trabalho manual, mas, por outro lado, porque desceu o teto do trabalho de alta escolaridade assalariado. Então, também na longa duração dos últimos 15 anos, o salário médio da alta escolaridade, na longa duração, veio caindo. Hoje a média do trabalho de alta escolaridade está em torno de cinco salários mínimos, no início da carreira; e se nós compararmos com 1980, estamos

falando de no mínimo 10 salários mínimos. Então nós temos uma elevação do salário mínimo; um pouco acima do salário mínimo, temos uma elevação do salário médio do trabalho manual; temos uma tendência a elevação do chamado salário médio de escolaridade média, que é o salário daqueles empregados nas funções de rotina da vida econômica; e por outro lado, temos a queda do salário médio do trabalho que tem alta escolaridade.

Volto à distribuição funcional da renda agora. A distribuição funcional da renda mede a participação do trabalho na riqueza nacional, a participação do Estado na riqueza nacional e participação do capital na riqueza nacional. Então, o que ocorreu foi que até 2005-2006, portanto num período histórico que começa em 1990, houve uma queda da participação do salário na riqueza nacional. E a partir de 2006-2007, houve uma recuperação da participação do trabalho. Portanto, a distribuição funcional da renda evoluiu de maneira regressiva durante 16 anos, de 1990 até 2006. Aumentou a participação do Estado, aumentou a carga fiscal. Mas também aumentou a participação do capital na riqueza nacional, menos do que a do Estado, e diminuiu a participação do trabalho. Só para termos uma idéia: nos anos 60, a participação do trabalho era superior a 55%; caiu abaixo de 40%. A projeção do IBGE é que, com a recuperação que começou em 2006, se o ano que vem a economia crescer 5%, no final de 2011, o trabalho teria a mesma participação na renda nacional que tinha em 1990.



Guilherme Zocchio (10/12/2010)

Valério Arcary, professor universitário analisa o panorama da desigualdade social no país, em entrevista à reportagem

Então, as conclusões rápidas que o Brasil está ficando menos desigual, que está ficando mais justo, isto tem eco e tem uma ressonância primeiro porque há uma campanha de propaganda, segundo porque houve uma recuperação, uma sensação de alívio, a partir de 2006 na economia brasileira, fundamentada essencialmente porque o governo Lula pegou carona num ciclo de crescimento da economia. Em 2009, entretanto, houve um colapso, a economia brasileira teve um desempenho trágico, cresceu -0,2% e tivemos quatro trimestres de recessão. E alguns casos de recessão acentuada. No final o desempenho foi 0%. O Brasil perdeu um ano.

CP – Houve uma diminuição do abismo na remuneração salarial, então diminuiu o teto e aumentou um pouco o piso. Junto com isso houve um aumento da participação salarial no PIB?

VA – Houve uma pequena elevação na participação do trabalho, que é a distribuição funcional da renda, entre 2006 e 2008. É uma inversão de tendência, ainda muito lenta. Não constitui uma série histórica. São só três anos. É o chamado vôo de galinha. Muito provavelmente, em 2009, essa tendência foi interrompida por causa da recessão. Deve ter se invertido de novo. Aumentou em 2009 provavelmente a participação do capital no trabalho. Depois, em 2010, deve ter ocorrido, mais provável quando tivermos os dados consolidados, uma nova recuperação do trabalho. Mas você vê que não são movimentos nem de grande fôlego, são recuperações muito lentas. Não se iluda com o crescimento do consumo. O crescimento do consumo é fundamentalmente turbinado por uma maior acessibilidade ao crédito: as famílias se endividaram. O Brasil parte de níveis de endividamento muito baixos. Isso remete a outra dimensão da vida econômica e social. Cada sociedade tem uma relação diferente com o consumo e com poupança. Somos uma sociedade que tem muito medo. A grande maioria da população não tem renda pra poder fazer crédito: o mercado de trabalho é de uma enorme instabilidade. E por outro lado, setores que podem ter acesso ao crédito têm trauma porque a taxa de juros é pornograficamente elevada.

CP – Mas se fala muito do aumento da oferta de micro-crédito, que conseguiu aumentar o consumo de bens duráveis, coisas que de certa forma trazem uma qualidade de vida. Não é mesmo?

VA – Claro. As pessoas consumiram mais e a vida, nesse sentido, melhorou. Por isso o governo foi reeleito. O cidadão médio compara a vida que ele está tendo com a vida que ele tinha: repertório político, a informação histórica e portanto a percepção crítica. Chama-se politização a capacidade de relacionar informação, tendo repertório de informação mais amplo. Pessoas politizadas são pessoas mais informadas; pessoas menos politizadas utilizam a sua experiência individual, quando muito a experiência de seus pais, e essa é só a sua referência. Pessoas que não tem repertório maior são despolitizadas. E isso é o que explica a reeleição do governo: elas compararam a sua experiência com a experiência que tiveram no governo anterior, fundamentalmente com governo Fernando Henrique, e aí concluíram que a vida hoje é menos ruim. Isso é verdade. O problema é que a vida é muito ruim. A maioria das pessoas é muito infeliz. A vida social só não é possível sem margens imensas de hipocrisia e de auto-engano. Então qualquer pesquisa de opinião vai revelar que a opinião que o brasileiro médio tem sobre si próprio é que é um dos povos mais felizes do mundo. Na verdade o Brasil é um dos povos mais infelizes

do mundo. Temos um dos maiores consumos de remédios tarja preta por 100mil habitantes do mundo. É uma população completamente dopada com remédios, futebol, novela e muitos tipos de drogas, especialmente álcool.

CP – E dessa oferta de crédito houve um aumento muito grande do endividamento também. Nos últimos anos, nunca houve tanto endividamento no Brasil, como se tem hoje. Será que existe o risco de isso provocar uma quebra de confiança?

VA – Uma bolha não aconteceu ainda na economia brasileira. Se vai haver inadimplência mais adiante, não sabemos ainda. É uma população que se endividou, mas a verdade é que vai aumentar a inadimplência. Mas não sabemos o que vai acontecer ainda. E sobre isso não há informação disponível. É um dos temas a ser investigados.

“ O SALÁRIO MÉDIO ESTÁ ESTAGNADO E A RENDA PER CAPITA ESTÁ ESTAGNADA ”



Guilherme Zocchio

CP – Nos últimos anos de governo Lula, aumentou a desigualdade ou mesmo ela não foi alterada porque o país cresceu e diminuiu o teto salarial?

VA – Não. Uma parte enorme do teto salarial já é a burguesia. Há uma burguesia gerencial que recebe a sua renda; mas no fundo é uma distribuição da mais-valia que é extraída do trabalho produtivo. É o trabalho que tem alta escolaridade, salário médio do trabalho com alta escolaridade. Não é o teto salarial. São coisas diferentes. O Brasil está menos pobre, mas é mais injusto. Por quê? Porque a terceira informação que você tem que considerar é a parte que o Estado se apropria. E o Estado fundamentalmente aumentou a sua participação na renda nacional. Mas o grosso da arrecadação de impostos que o Estado faz, mais de 30%, é utilizado para fazer a remuneração dos rentistas [da dívida pública]; e portanto é uma ilusão

imaginar que o Brasil ficou mais justo. O salário médio está estagnado e a renda *per capita* está estagnada. Há um indicador muito simples para compreender isso: você pega o PIB de 1980 e o PIB de

2010, você pega a população de 80 e a população de 2010 e você vai chegar na mesma renda *per capita*. Há uma outra maneira de analisar isso. O Brasil crescia 7% em média, no período que vai de 1950 a 1980, por ano. Significa que de 10 em 10 anos o Brasil duplicava o PIB. De 1980 a 2010 foram necessários 30 anos para o Brasil duplicar o PIB. Deixamos de ser uma economia capitalista periférica de crescimento intenso, e nos transformamos numa economia capitalista periférica de crescimento lento. Duplicamos o PIB, mas a população também duplicou ou quase. Boa notícia: a taxa de fecundidade é baixa. O problema é que a economia também passou um período de longuíssima estagnação. Essencialmente somos um país menos pobre que 1980, mas mais injusto.

CP – Pontualmente, então dá para dizer que, se o país ficou menos pobre, mais injusto e que essa ascensão de uma nova classe média não passa de uma invenção, a intenção é criar uma idéia de que melhorou a distribuição de renda no país, isso a serviço de uma classe que se beneficiou desse processo?

VA – Veja, há mais pessoas ganhando mais que mil reais. A manobra é que a categoria classe C pega uma faixa salarial muito heterogênea, que vai de mil a 5mil reais. A grande maioria dos trabalhos criados neste período de recuperação econômica – último trimestre de 2009 e esse ano de 2010 – é que são empregos com salário médio muito baixo. Mas evidentemente acima de dois salários mínimos. Então estamos falando de salários muito, muito baixos. Quer dizer, o salário médio, no fundamental, não saiu do lugar. Então o que podemos dizer é que um país menos pobre, mas ainda dramaticamente injusto. Esta é a fórmula que sintetiza. Claro que os defensores da ordem do governo vão soltar fogos de artifício dizendo “viva, viva, viva, somos menos pobres”. Isso é uma cortina de fumaça para escondermos que estamos numa sociedade mais injusta, mais injusta, mais injusta. A verdade é que não é só mais injusta, não é só menos pobre. A verdade, na minha opinião, é que menos pobre e mais injusta, a combinação dos dois elementos.

(@guizocchio)